

A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA
CARMELITANA

James Boyce, O.Carm.

projeto diretório

espiritual carmelitano

Horizontes 12

A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA
CARMELITANA

James Boyce, O.Carm.

Comunicações Carmelitanas

Melbourne Austrália

2000

COMISSÃO INTERNACIONAL PARA O CARISMA E A ESPIRITUALIDADE

HORIZONTES:

Rumo ao Carisma do Carmelo

Projeto para um novo Diretório Espiritual

No Capítulo Geral de 1989 um projeto ambicioso foi apresentado e aprovado. Seu objetivo era promover o conhecimento, a interiorização e a experiência da espiritualidade carmelitana e do carisma da Ordem. A coordenação foi confiada à uma comissão internacional. Este projeto, que já produziu alguns frutos concretos com a publicação de subsídios para estudo, a promoção de cursos e outras iniciativas, foi confirmado pelo Capítulo Geral de 1995.

Os objetivos gerais do projeto são:

- promover uma nova descoberta e uma nova vivência dos valores específicos do carisma carmelitano;
- estimular e promover o estudo da tradição espiritual carmelitana;

- publicar textos, traduções e estudos sobre os diversos aspectos de nossa tradição e de nossa espiritualidade.

Um novo Diretório Carmelitano

Entre os objetivos específicos desse processo está a elaboração de um novo Diretório Espiritual Carmelitano. Ele pretende ser uma síntese atual de nossa tradição e de nossa espiritualidade, considerando as contribuições das décadas recentes no estudo e na compreensão de nossas fontes e de nossos valores, que devemos ler com sensibilidade eclesial e cultural, inspiradas pelo Evangelho. Seria destinado ao uso de nossos formadores em seu trabalho e na formação de comunidades. E também como um manual ou guia para os leigos que desejam beber de nossa espiritualidade para um melhor serviço na Igreja.

Queremos conhecer e viver mais profundamente a realidade que foi implantada em nós pelo dom do Espírito. É neste contexto dinâmico e comunitário que queremos situar o esforço na elaboração do novo Diretório. Tomara que o Projeto do Diretório possa atrair uma ampla participação dos membros da Ordem da Família Carmelitana. (De fato, o Diretório destina-se a toda a Família Carmelitana e isto deverá ser constantemente lembrado durante sua preparação. Precisaremos elencar elementos comuns a todos, as características específicas dos diferentes grupos e elucidar alguns problemas que nos são propostos, como por exemplo, a relação entre carisma e espiritualidade, a relação entre os

carismas congregacionais das irmãs e dos leigos e o carisma comum da Família Carmelitana, como participamos e integramos o car

isma comum e assim por diante).

O Projeto do Diretório

A Comissão Internacional para o Carisma e a Espiritualidade, estabelecida em 1989 e confirmada em 1995, propôs um esboço de temas a serem incluídos no Diretório. Após consultar as equipes de formação nas províncias e comissariados, as comunidades de formação, as monjas e as irmãs e vários peritos, a Comissão decidiu não prosseguir com a preparação imediata do Diretório, e sim fazer circular primeiro uma série de livretos. Primeiramente, eles buscam ser úteis no processo de formação. Em segundo lugar, querem estimular – através do esforço colaborativo de estudo e de experiência, especialmente em comunidades de formação – uma contribuição adicional, alicerçada na experiência, para o desenvolvimento contínuo do Diretório.

Na preparação dos livretos, que estão relacionados abaixo, a Comissão sugeriu que cada autor respeite certos critérios que foram considerados essenciais ao projeto:

interdisciplinariedade;

uma abordagem que seja:

- histórica e fenomenológica
- bíblica e teológica
- espiritual
- antropológica
- hermenêutica
- pedagógica;

cada livreto, de aproximadamente 50 páginas, deve oferecer uma forma de compreensão e de interiorização do tema através da oração (especialmente com sugestões para lectio divina, textos de orações, etc.), e através do estudo pessoal e comunitário (com sugestões adicionais para trabalhos e questões para reflexão ou discussão); a linguagem deve ser simples sem ser simplista e num estilo discursivo-sapiencial.

Os temas escolhidos para os livretos terão em vista o Diretório, mas não aparecerão necessariamente da mesma forma. Na redação final do Diretório: eles serão inseridos no amplo contexto da experiência espiritual vinda do coração da Trindade, que manifesta seu amor e o impulsiona através do dom do Espírito como uma experiência da Igreja, fiel esposa do Senhor; dever-se-á levar em conta as diferentes situações nas quais esses valores são vividos nos diferentes segmentos da Família Carmelitana.

Eis os temas dos livretos planejados no momento, embora outros possam ser acrescentados se parecerem úteis ou necessários:

A Regra do Carmelo

O Cristocentrismo do Carisma Carmelitano

A experiência carismática das origens

A dinâmica espiritual da vida carmelitana

O profeta Elias
Maria, Mãe e Irmã
A dimensão contemplativa do Carmelo
A dimensão apostólica do Carmelo
Fraternidade: crescer como irmãos
Lectio divina e Carmelo
A oração no Carmelo
A espiritualidade litúrgica do Carmelo
O silêncio na vida carmelitana
A pureza do coração na tradição bíblica e carmelitana
O deserto e o Carmelo
Símbolos carmelitanos
Os votos: um chamado à transformação
Justiça e paz
Carmelitas ilustres: professores, testemunhas, fundadores
Vacare Deo

Primeira Etapa do Projeto

Os livretos serão entregues à Ordem assim que estiverem disponíveis e não na ordem citada. O trabalho é planejado para quatro anos. É importante enfatizar que os livretos são manuais. Não são definitivos ou perfeitos, mas visam ser um meio de trabalho voltado para o Diretório, reunindo observações, conselhos, contribuições e sugestões baseadas na experiência daqueles que os manuseiam. Seria bom se fossem usados acima de tudo em comunidades de formação, que esperamos estejam motivadas a colaborar na revisão de cada tema tendo em vista o Diretório.

O uso desses subsídios poderia seguir esta metodologia:

estudo pessoal e comunitário do texto (usando as sugestões para a lectio divina; as sugestões para o estudo e as questões para reflexão e discussão ou, se houver necessidade, criando um modelo semelhante para tal reflexão);
reflexão pessoal e comunitária sobre o que foi lido;
indicação, se necessário, do que está faltando no livreto, ou dos assuntos que precisam ser tratados de forma diferente ou mais ampla;
sugerir meios pelos quais nossa experiência hoje possa ser incorporada ao Projeto do Diretório, para enriquecer e desenvolver nossa tradição (supondo que esta tradição seja uma realidade dinâmica);
oferecer uma avaliação do material como um todo: o que precisa ser acrescentado? retirado? melhorado? que aspectos foram mais úteis na prática?

A Comissão Internacional para o Carisma e a Espiritualidade está convencida de que esses livretos podem ser usados tanto na formação inicial quanto na formação contínua. Seu uso efetivo deveria provocar reações e contribuições que nos ajudarão a melhorá-los até que o processo culmine no Diretório de Espiritualidade Carmelitana. A Comissão agradece fraternalmente a qualquer pessoa ou comunidade que colaborar nesse processo dinâmico, que é sem dúvida ambicioso, mas que está cheio de grande esperança. À medida que novas

tecnologias tornam-se mais disponíveis, esperamos que elas possam fornecer meios mais dinâmicos para a ampla participação de todos no trabalho de reflexão, permitindo elaborar um novo Diretório que deve ser fiel tanto à nossa tradição antiga quanto à nossa rica experiência contemporânea.

As comunicações podem ser encaminhadas ao Conselho Geral responsável pelos trabalhos da Comissão.

Fr. Wilmar Santin, O.Carm.
Curia Generalizia dei Carmelitani
Via Giovanni Lanza, 138
00184 Roma
Itália

Número de Fax: 3906 4620 1847

e-mail: [HYPERLINK mailto:wsantin@ocarm.org](mailto:wsantin@ocarm.org) wsantin@ocarm.org.

Comissão Internacional para o Estudo do Carisma e da Espiritualidade Carmelitanas

Wilmar Santin – Hein Blommestijn – Emanuele Boaga – Paul Chandler
Carlos Mesters – Alberto Neglia – John Welch
NOTA SOBRE REFERÊNCIAS:

Numeração da Regra

A numeração da Regra de Santo Alberto segue o novo sistema aprovado pelos Conselhos Gerais dos Carmelitas e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Janeiro de 1999. A numeração é a seguinte:

Números Antigos	Números Novos
Prólogo	nn. 1-3
Cap. 1	n.4
Cap. 2	n.5
Cap. 3	n.6
Cap. 4	n.7
Cap. 5	n.8
Cap. 6	n.9
Cap. 7	n.10

Cap. 8	n.11
Cap. 9	nn.12-13
Cap. 10	n.14
Cap. 11	n. 15
Cap. 12	n. 16
Cap. 13	n.17
Cap. 14	nn.18-19
Cap. 15	n.20
Cap. 16	n.21
Cap. 17	n.22
Cap. 18	n.23
Epílogo	n.24

Quando há referência à Regra nas notas de rodapé, ela é apresentada pela abreviação RA (Regula S. Alberti) seguida pelo número do parágrafo (ex.: RA 6).

Referências Bíblicas

As abreviaturas para as referências bíblicas são tiradas da Bíblia de Jerusalém.

Índice

Introdução

Esquema do livreto

A relação entre liturgia e espiritualidade

O caráter evolutivo da espiritualidade litúrgica carmelitana

A espiritualidade litúrgica dos primeiros carmelitas

Oração individual e comunitária

A Regra e a observância litúrgica no Monte Carmelo

A Regra e o modo de vida eremítico

O Rito do Santo Sepulcro

A mendicância da Ordem

A rápida expansão da Ordem

O desenvolvimento da liturgia carmelitana medieval

As Rubricas de Sibert de Beka

Espiritualidade Litúrgica Carmelitana Medieval

Introdução	
A Herança da Terra Santa	
A devoção mariana	
Novos santos acrescentados à liturgia carmelitana	
Reflexões sobre a liturgia carmelitana	
Os Carmelitas e o Concílio de Trento	
Novas festas carmelitanas	
Reflexões sobre a liturgia carmelitana tridentina	
A liturgia carmelitana moderna	
Bibliografia	

Introdução

A riqueza da tradição litúrgica carmelitana está estritamente ligada à interessante história da própria Ordem. O objetivo deste livreto é discutir a singularidade da liturgia carmelitana, examinar suas festas significativas ao longo da história da Ordem e sugerir como a liturgia carmelitana contemporânea poderia ser mais fiel à sua tradição histórica.

Esquema do livreto

A tradição litúrgica carmelitana divide-se convenientemente em quatro seções principais:

a atividade litúrgica dos primeiros eremitas no Monte Carmelo;
a liturgia medieval dos carmelitas como mendicantes, do começo do século XIV ao Concílio de Trento;

a liturgia Tridentina do século XVI até o século XX;
a liturgia carmelitana moderna como uma resposta ao Vaticano II.

Ainda que algumas pessoas afirmem que um ou outro período aponta para um seguimento mais verdadeiro do carisma carmelitano, este livreto espera mostrar que os quatro períodos demonstram um esforço genuíno para expressar a identidade carmelitana num estilo litúrgico apropriado.

A relação entre liturgia e espiritualidade

Muito já se discutiu sobre a interação entre liturgia e espiritualidade bem como as distinções entre as diversas abordagens que ordens religiosas deram à sua própria definição de liturgia. Liturgia diz respeito à oração pública da comunidade orante e não à oração particular de seus membros. Mas, ao mesmo tempo, as festas celebradas por uma determinada comunidade orante revelam os valores partilhados e os modelos que abraçaram, de modo que a liturgia também revela a vida espiritual dos participantes. No caso dos carmelitas, o desenvolvimento de sua tradição litúrgica permitiu que eles venerassem seus exemplos de vida e honrassem os membros que alcançaram a santidade.

O caráter evolutivo da espiritualidade litúrgica carmelitana

A espiritualidade litúrgica carmelitana evoluiu mais do que a liturgia da maioria das Ordens por duas razões:

eles não tinham um fundador específico cujas virtudes pudessem ser facilmente imitadas ou que tenha dado opiniões específicas sobre a liturgia;
sua auto-compreensão mudou radicalmente quando abandonaram o estilo de vida eremítico num único local, o Monte Carmelo, tornando-se uma Ordem mendicante internacional.

A velocidade com que esta mudança radical se realizou, uns cinquenta anos desde o recebimento de uma Regra, complicou a compreensão de sua identidade e a maneira de expressá-la liturgicamente.

Os carmelitas são designados pelo seu lugar de origem, em vez de serem identificados pelo fundador. O local do Monte Carmelo, além da tradição de santidade, associados a tantos grupos diferentes que lá viveram, modelou a auto-compreensão carmelitana. Os nomes dos membros fundadores nunca foram registrados, exceto B e seus seguidores, a quem a Regra foi endereçada. Isto teve o efeito de libertar os carmelitas para formularem e determinarem seu próprio impulso espiritual, em vez de se ajustarem à direção de um fundador. Na ausência de um fundador, cuja memória e desejos precisariam ser honrados depois de sua morte, os carmelitas tiveram a liberdade de se adaptar continuamente às exigências da Igreja oficial, enquanto aprofundavam a consciência de sua identidade litúrgica e espiritual. Isto justifica a ausência de qualquer festa específica para um fundador canonizado, equivalente a São Domingos ou São Francisco, em sua liturgia medieval. Sua auto-definição foi um processo lento e evolutivo, de modo que as festas especificamente carmelitanas como a dos santos Elias e Eliseu, ou mesmo a de Nossa Senhora do Monte

Carmelo, demoraram para ser formuladas e, geralmente, não aparecem nos ofícios litúrgicos carmelitanos medievais.

As rápidas mudanças que ocorreram desde o começo da Ordem, quando eles mudaram de um estilo de vida eremítico para o mendicante, estimulou-os a refletir constantemente sobre suas origens, adaptando sua vida litúrgica e espiritual às necessidades de uma Igreja em transformação. Em vez de retornarem a costumes mais antigos, tais como os do Monte Carmelo, os carmelitas tiveram que se adaptar a uma nova situação, preservando neste processo a essência de sua auto-compreensão.

A espiritualidade litúrgica dos primeiros carmelitas

Oração individual e comunitária

Um aspecto singular da antiga liturgia carmelitana é que, enquanto a missa era celebrada em comum, a recitação do Ofício Divino era deixada ao eremita (indivíduo) como parte de sua contínua vida de oração diária. Assim, no que diz respeito aos salmos, a oração dos eremitas era individual em vez de comunitária, não sendo portanto, litúrgica no sentido próprio do termo. Como resultado, o que quer que fosse expresso comunitariamente deveria ser feito em relação à Missa, em vez do Ofício. As preocupações litúrgicas modernas, buscando expressar o espírito da comunidade que celebra, pode ou não ter sido conscientemente operante dentro da primeira comunidade de eremitas no Monte Carmelo. As antigas celebrações deles buscavam a integração das regras da Igreja oficial ao estilo de vida de um eremita assim como eles a compreendiam.

A Regra e a observância litúrgica no Monte Carmelo

A Regra dada aos primeiros eremitas por Alberto, patriarca de Jerusalém, entre os anos 1206-14 mostra uma abundância de referências bíblicas que revelam nela um entusiasmo pela vida espiritual. A armadura de Cristo que deveria ser vestida para as batalhas

espirituais, parte da vida diária do eremita, dava um sentido de prontidão ao modo de vida que eles adotaram e estabeleceu o ritmo para as observâncias específicas que caracterizariam sua vida.

A Regra e o modo de vida eremítico

A Regra destina-se claramente a pessoas que vivem uma vida de eremita. Não apenas na recitação pessoal dos salmos, mas também na aridez do lugar e na vida solitária dos primeiros carmelitas. Como a Regra nos fala alguma coisa sobre a observância litúrgica no Monte Carmelo, podemos presumir muito sobre a vida comunitária deles. Os primeiros carmelitas faziam parte de uma ampla tradição de vida eremítica na área do Monte Carmelo. A rotina da vida de oração do eremita, esclarecida na regra que pediram e receberam do patriarca local, era parte desta ampla tradição na qual os carmelitas se inseriram. A sacralidade da área, santificada pela presença do profeta Elias e de seus seguidores, não poderia ser descrita adequadamente em palavras. Apesar disso, fazia parte de sua experiência de oração.

Apesar de a Regra prescrever que a Missa diária fosse celebrada comunitariamente, nada de específico estava indicado quanto ao modo de sua apresentação. Na verdade, a prescrição de uma Missa diária para um grupo de eremitas era incomum. Ela nos diz que pelo menos um dos primeiros carmelitas era ordenado, já que não há menção sobre trazer um celebrante de fora da comunidade. Isso também indica que atribuíam grande importância à celebração Eucarística. Podemos seguramente presumir que os primeiros carmelitas seguiram o ritual do Santo Sepulcro no que diz respeito ao ano litúrgico e aos detalhes da observância diária. Quanto ao Ofício Divino, a regra de Alberto indica apenas que os salmos devem ser recitados por aqueles que sabem ler e que uma quantidade de Pai Nossos deve ser rezada por aqueles que não sabem. Esta era uma prática usada também por outras Ordens durante este período. A influência do uso da liturgia local na recitação dos salmos era mínima, já que não prevaleceu nenhuma tradição do ofício para os carmelitas neste tempo.

O Ritual do Santo Sepulcro

O rito local do Reino Latino deriva seu nome da igreja em Jerusalém onde se acreditava ser o local do túmulo do Senhor. A descoberta do possível túmulo de Nosso Senhor iguala-se a outras descobertas tão antigas quanto a da Cruz Verdadeira por Santa Helena, no século quarto. O primeiro santuário cristão foi assim objeto de constantes batalhas para possuí-lo e gozava de um prestígio inigualável na Cristandade. Devemos lembrar que Luís IX construiu a Santa Capela de Paris para guardar as relíquias da Coroa de Espinhos. Isto nos dá uma idéia do significado para a cristandade medieval dos artefatos relacionados ao Senhor. A Igreja do Santo Sepulcro precisa ser vista dentro deste contexto para avaliarmos seu significado litúrgico. O próprio ritual é uma adaptação de ritos franceses, pois foram os cruzados franceses que se estabeleceram inicialmente na Terra Santa. São ritos com forte influência agostiniana, já que os cônegos da igreja adotaram a regra de Santo Agostinho em 1114. Uma característica litúrgica deste rito é a festa da Celebração da Ressurreição, celebrada no último Domingo do ano litúrgico. Uma série de festas particulares, relacionadas a personagens e eventos da Terra Santa incluindo, por exemplo, a entrada de

Noé na arca, também caracterizavam esta liturgia. Algumas destas festas continuaram na liturgia carmelitana.

Enquanto os carmelitas viveram no Monte Carmelo, a celebração do Rito do Santo Sepulcro era simplesmente o costume da região e, portanto, não era extraordinário. No entanto, a preservação deste rito, ou de aspectos dele, uma vez que os carmelitas não moravam mais na Palestina, distinguia-os de seus vizinhos na Europa ocidental.

A mendicância da Ordem

O longo e árduo processo para obter a aprovação oficial para a Ordem foi bem documentado. Já que o Quarto Concílio Lateranense de 1215 proibiu a proliferação de regras ou de modos de vida, os carmelitas tiveram que provar que se estabeleceram antes do Concílio e, por isso, deveriam ser considerados isentos. Esta condição foi reconhecida por Honório III em 30 de janeiro de 1226 nos seguintes termos:

Para que vós e vossos sucessores, até onde forem capazes com a ajuda de Deus, possam observar no futuro a regra de vida regular escrita pelo falecido Patriarca de Jerusalém, que dizeis terem recebido humildemente antes do Concílio Geral, a impomos sobre vós para a remissão de vossos pecados.

Vários outros documentos papais reconheceram os carmelitas como uma Ordem religiosa, preparando o caminho para a carta apostólica *Quae Honorem Conditoris* de Inocêncio IV em 01 de outubro de 1247, que continha o texto atenuado da regra. As migrações do Monte Carmelo para o ocidente começaram por volta de 1238, de modo que a regra revisada de Inocêncio era dirigida agora para uma comunidade internacional de carmelitas e não mais para um pequeno grupo de eremitas vivendo num determinado lugar. Uma das principais distinções com a Regra de Inocêncio está nos nn. 12-13, que diz respeito à recitação dos salmos. Enquanto a Regra de Alberto prescreveu que

Os que conhecem as letras e sabem ler os salmos, devem recitá-los, nas várias horas, conforme estabeleceram os Santos Padres e segundo o costume aprovado da Igreja...

A versão de Inocêncio diz

Os que sabem dizer as horas canônicas com os clérigos devem recitá-las conforme estabeleceram os Santos Padres e segundo o costume aprovado da Igreja.

A recitação das horas canônicas é normalmente um costume do clero e a injunção aqui é que os carmelitas, que não são clérigos mas sabem como recitar as horas canônicas, deveriam unir-se ao clero para recitá-las como a Igreja pede. Não há referência na Regra de Alberto a qualquer carmelita ordenado, apesar de alguns já terem recebido as ordens. No processo de aprovação pela Santa Sé, os carmelitas assumiram o modo de vida mendicante, incluindo a recitação do ofício em comum, pelo menos por aqueles que estavam aptos a fazê-lo. O oposto ao que era realizado em particular no Monte Carmelo.

Por um lado, esta revisão da Regra por Inocêncio significa que os ideais eremíticos estavam diminuindo diante das novas circunstâncias e pela necessidade de harmonizar com as

estruturas eclesiásticas estabelecidas. Por outro lado, a recitação do ofício em comum significava agora que os carmelitas podiam dar expressão litúrgica à sua identidade religiosa de um modo que era impossível anteriormente.

A rápida expansão da Ordem

Junto com a mudança de identidade, passando de uma Ordem eremítica para uma mendicante, veio a mudança na localização, passando de uma pequena área do Reino Latino para um grupo mais amplo vivendo tanto no Reino Latino (pelo menos até 1291), como em muitas partes da Europa ocidental. As Constituições do Capítulo Geral de Londres de 1281 registra a Terra Santa como a primeira de dez províncias formando agora a Ordem. As outras eram Sicília, Inglaterra, Provença, Toscana, Lombardia, França, Alemanha, Aquitânia e Espanha. Esta experiência de internacionalidade era apenas uma expansão geográfica, mas afetou toda a auto-compreensão da Ordem.

O desenvolvimento da liturgia carmelitana medieval

Virtualmente todos os manuscritos litúrgicos carmelitanos referem-se ao Rito do Santo Sepulcro. O que foi simplesmente assumido no próprio Monte Carmelo agora tinha que ser definido e explicado, já que este rito não era conhecido fora do Reino Latino. Isto deve ter dado aos carmelitas europeus uma sensação de estarem separados das outras ordens, já que sua liturgia combinava tanto influências orientais quanto ocidentais. Apesar de o próprio rito do Santo Sepulcro basear-se em ritos franceses, alguns de seus acréscimos e festas singulares o distinguia das tradições litúrgicas ocidentais. O simples fato dos carmelitas estarem intimamente associados a este rito separava-os de seus contemporâneos. Desde a revisão da Regra por Inocêncio, entre 1247 até 1291, quando os últimos carmelitas foram forçados a abandonar a Terra Santa, havia a mesma observância litúrgica, tanto no Reino Latino quanto na Europa ocidental. Este vínculo unindo os carmelitas na Terra Santa a seus irmãos na Europa ocidental continuou por aproximadamente meio século. Ainda que pouco se saiba sobre a liturgia da Ordem durante o importante século XIII, novas evidências sugerem que o Rito Carmelitano desenvolveu-se muito a partir daquele do Santo Sepulcro. E como o ritual carmelitano tomou emprestado muito material da tradição dominicana, seu desenvolvimento foi uniforme. Desta forma, a ordem das orações, dos salmos, das antífonas e de outros elementos da liturgia foi mantida intacta para toda a Ordem, de modo que o frade no Monte Carmelo dizia as mesmas orações, e do mesmo modo, que seu companheiro europeu.

As Rubricas de Sibert de Beka

Com a publicação em 1312, pelo Capítulo Geral de Londres, das Rubricas compiladas pelo frade carmelitano Sibert de Beka surgiu uma liturgia carmelitana padronizada que durou toda a Idade Média. As rubricas estabeleceram o texto inicial de cada oração, antífona, responsório, salmo e leitura a serem usados em cada hora do ofício e em cada Missa diária. Assim, ele estabeleceu uma uniformidade litúrgica absoluta para toda a Ordem.

Espiritualidade Litúrgica Carmelitana Medieval

Introdução

Uma discussão sobre a espiritualidade litúrgica carmelitana medieval responde a pergunta: “O que os carmelitas medievais consideraram importante em sua herança e como a celebraram liturgicamente?” O objetivo deste capítulo é discutir os aspectos principais da herança carmelitana, o modo com que os carmelitas medievais a viam e examinar como eles a celebravam liturgicamente. Estes elementos são:

a herança da Terra Santa

a devoção à Maria

novos santos acrescentados à liturgia, refletindo sua inserção no Ocidente.

São significativos também os aspectos litúrgicos ausentes, pelo menos, dos manuscritos medievais até o século XV. Eles incluem festas carmelitanas próprias, cuja existência antes do Concílio de Trento não se pode provar: as liturgias para Santo Elias e Santo Eliseu, que começaram a ser celebradas apenas no período Tridentino; e um ofício padronizado para a festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo, que não aparece em nenhum manuscrito antes de 1500.

A Herança da Terra Santa

Várias festas litúrgicas proeminentes no Rito do Santo Sepulcro continuaram no rito carmelitano e se distinguiram de outras observâncias litúrgicas:

a Celebração da Ressurreição, celebrada no último Domingo do ano litúrgico;
as festas dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó, celebrada em 06 de outubro;
a festa da Transfiguração, celebrada em 06 de agosto;
Santa Maria Madalena;
a tradição Petrina e Paulina.

A Celebração da Ressurreição

A própria *raison d'être* para o Rito do Santo Sepulcro era o túmulo do Senhor, do qual recebeu seu nome. Dificilmente podemos imaginar o esforço que deve ter sido para os cruzados atingirem o local verdadeiro onde acreditavam que o Senhor tinha sido sepultado. Dentro do contexto da Terra Santa, o local deste túmulo era a meta para todos os peregrinos, desde o tempo de Constantino até o período medieval e servia como a única razão para Jerusalém ser o principal local de peregrinação. A festa da Celebração da Ressurreição revive assim, mais uma vez, o evento único, intimamente vinculado com o próprio local sagrado e que, como nos lembra São Paulo, define nossa própria salvação: “se Cristo não ressuscitou, a fé que vocês têm é ilusória” (1Cor 15,17). Enquanto a própria Páscoa é central para todo rito litúrgico, a celebração da ressurreição é uma festa distinta, restrita a costumes relacionados com a Terra Santa. Esta festa praticamente herdava da festa da Páscoa todos os seus cantos e orações, mas ela era uma celebração que, feita imediatamente antes do início do Advento, mostrava-se como a culminação de todo o Ano Litúrgico. Teologicamente isto significa uma segunda celebração da experiência da Páscoa. Ela também ocorre em novembro, um tempo quando a Igreja universal, incluindo este Rito, celebra as festas de Todos os Santos e de Todas as Almas, aqueles que na fé se foram antes de nós. Portanto, a Celebração da Ressurreição reforça o significado dos efeitos da ressurreição na humanidade num tempo quando a igreja celebra a morte. Isto tem um impulso teológico positivo e uma reafirmação de esperança em meio à aflição. Toda Eucaristia por definição celebra a morte e a ressurreição do Senhor. Através da Eucaristia diária, prescrita aos primeiros eremitas no Monte Carmelo e, subsequente, observada através da Ordem, o mistério Pascal era um fenômeno constante para os carmelitas. Pela festa da Celebração da Ressurreição o que era celebrado em um único dia, agora prolonga-se em uma estrutura mais ampla, por todo o ano litúrgico. A localização da festa, no último domingo do ano litúrgico, prolongava consideravelmente o evento em seu aspecto litúrgico. Enquanto a época da Páscoa termina em Pentecostes, seu reforço pouco antes do Advento tinha o efeito de mantê-la em primeiro lugar na mente até o começo do próximo ciclo principal, aquele do nascimento do Senhor começando com o primeiro Domingo do Advento. Tal visão do ano litúrgico é peculiar ao Rito do Santo Sepulcro e nas observâncias que derivam dele e é explicado por sua estrita associação com o túmulo do próprio Senhor.

A Festa dos Patriarcas Abraão, Isaac e Jacó

A celebração de personagens do Antigo Testamento como uma festa, igual aos personagens

do Novo Testamento, é certamente notável. Ela mostra que os patriarcas foram aceitos como santos na liturgia, apesar da convicção da ressurreição e da designação associada de santidade não serem necessariamente uma parte da vida espiritual deles como judeus observantes. O fato de Nosso Senhor ter se referido aos patriarcas como presentes no reino (Lc 13,28) e citado a referência a Deus de Êxodo 3,15: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” (Mc 12,26; também cf. Mt 22,31-32 e Lc 20,37-38), usando deliberadamente o tempo presente como uma prova para os saduceus de que há uma ressurreição, legitimaria a festa que os venerava como santos. Mas tal festa é, sem dúvida, digna de nota.

A festa dos patriarcas fornecia um elo entre os carmelitas e a própria Terra Santa, da mesma maneira que o Rito do Santo Sepulcro. Os carmelitas veneravam os heróis do Antigo Testamento, pessoas que foram especialmente escolhidos por Deus e a quem Deus se revelou de um modo único e pessoal. A versão carmelitana desta festa é muito mais completa do que a sua versão complementar do Santo Sepulcro (pelo menos nas fontes existentes), geralmente restrita à uma única oração, ainda que em sua versão carmelitana a festa seja particular.

A compilação dos textos para este ofício é particularmente interessante: os responsórios vêm de textos que são específicos aos profetas enquanto que as antifonas são mais gerais. Os responsórios, tirados do domingo antes da Quaresma (conhecida na liturgia medieval como “Domingo da Quinquagésima” porque caía cinquenta dias antes da Páscoa), se inspiram nas passagens do Antigo Testamento que os menciona pelos nomes. As antifonas são tiradas da comunhão de vários santos e também do próprio da festa de Todos os Santos. Os textos se referem repetidamente a santos ou a homens santos em geral, mas afirma claramente a santidade dos patriarcas. Ainda que esta referência seja feita presumivelmente, em respeito à estima deles dentro do contexto do Antigo Testamento, também pode ser encarada como alguma forma política, já que nenhum deles foi oficialmente reconhecido como um santo pela Igreja. A natureza incomum desta festa provavelmente encorajou os carmelitas a enfatizarem a santidade deles impondo uma festa ao rito católico.

A veneração dos patriarcas como homens santos no ritual carmelitano é significativa, já que a busca pela santidade é uma parte intensa da vocação carmelitana. Por isso, eles escolhem os patriarcas não apenas para enfatizar a santidade destes heróis do Antigo Testamento, mas para assumirem também a santidade deles. Assim, a festa lembra, no seu primeiro impulso, a sermos pessoas de oração acima de qualquer coisa. A ausência de um fundador específico permitiu aos carmelitas adotar exemplos de santidade onde quer que se encontrem.

A Festa da Transfiguração

A Festa da Transfiguração, que revive uma experiência única na vida de Nosso Senhor, bem como seu relacionamento com alguns discípulos escolhidos, foi identificada pela tradição numa localização específica da Terra Santa: o Monte Tabor. A associação óbvia da festa com este local da Terra Santa justificou sua inclusão, numa data bem antiga, na liturgia do Santo Sepulcro e, posteriormente, no Rito carmelitano. No entanto, sua celebração não está absolutamente restrita ao Santo Sepulcro e à tradição carmelitana. De fato, o monge cluniacense Pedro, o Venerável, é reconhecido como o escritor de um ofício para a Transfiguração. Alguns dos textos do rito carmelitano são semelhantes à versão de Pedro, mas existem discrepâncias claras entre os dois ofícios. Todas as orações e cantos

para esta festa são tirados do próprio relato das Escrituras, que serve como modelo para a vida contemplativa e ajusta-se adequadamente ao ideal carmelitano. Pedro, Tiago e João foram escolhidos pelo Senhor para acompanhá-lo até o monte onde, através da contemplação, sua compreensão do Senhor e o seu significado crescem imensuravelmente. Entrando neste relacionamento privilegiado com o Senhor, eles não apenas o vêem transfigurado, mas a própria fé deles também é transformada.

A festa da Transfiguração serve de inspiração para todo carmelita que busca a transformação pela oração. A intimidade dos discípulos com o Senhor serve como um modelo para todos que buscam um relacionamento com Jesus através da vida de oração. Como Pedro, Tiago e João, cada carmelita foi escolhido por Deus para caminhar com o Senhor buscando uma consciência mais profunda de Deus e de si mesmo. A ascensão do Monte Carmelo, como aquela do Monte Tabor, leva os participantes à presença de Deus, numa união mais profunda com o Senhor.

Santa Maria Madalena

A festa de Santa Maria Madalena se destaca na liturgia carmelitana medieval, fazendo parte de um amplo conjunto que enfatiza todo o Mistério Pascal. Sendo a primeira testemunha da ressurreição, Maria Madalena goza de grande importância na vida da Igreja, incluindo a liturgia. A organização carmelitana da festa foi diretamente recebida do ritual do Santo Sepulcro. A observância da Terra Santa, por sua vez, baseava-se numa tradição francesa, o que também explica a proeminência de Santa Maria Madalena, já que o mosteiro beneditino francês de Vezelay foi de muita influência na propagação de seu culto. Por extensão, qualquer liturgia associada a do Santo Sepulcro também venerava Maria Madalena com grande solenidade. A liturgia carmelitana seguiu a tradição do Santo Sepulcro com fidelidade tal, que até herdou a típica confusão na qual Maria estava envolvida. Assim, um dos responsórios, *Optimam partem*, refere-se à Maria, que ao contrário de sua irmã Marta, escolheu a melhor parte, isto é, a contemplação. A confusão entre Maria de Betânia e Maria Madalena na liturgia carmelitana refletiu a confusão geral, bíblica e medieval, sobre ela. Por outro lado, esta antífona permitiu aos carmelitas darem expressão ao valor da vida contemplativa que eles abraçaram dentro de um contexto litúrgico. Desse modo, a idéia de que “ela escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada” reforçou, para o carmelita medieval, o valor duradouro da vocação contemplativa que escolheram.

O papel teológico central de Maria Madalena como anunciadora da ressurreição também estabeleceu o relacionamento entre ela e o evento da Páscoa, fato de grande importância na vida de cada cristão e, particularmente, celebrado dentro da liturgia carmelitana. A história de sua ida ao túmulo com perfumes e aromas, para ungir o corpo do Senhor, recontada na palavra e cantada no ofício de Santa Maria Madalena, servia para os carmelitas como outra lembrança do poder permanente do evento da Páscoa. Esta história também lembrava ao carmelita que seu objetivo na vida, como o de Maria Madalena, era servir às necessidades do Senhor e, por extensão, às da Igreja. Assim, a vida de Maria Madalena serviu como um excelente exemplo para o carmelita medieval de como combinar eficazmente a contemplação e os estilos de vida ativa dentro de uma única vocação.

Maria Madalena, como a pecadora arrependida, também serve de modelo para o carmelita que, através da vida de oração e de penitência, busca a transformação para a santidade. A busca contemplativa de Deus é afastar-se das tentações mundanas para viver na presença de

Deus. Assim como a Regra detalhou a armadura espiritual a ser usada enquanto o carmelita combate o fogo do mal, o exemplo de Maria Madalena, passando do pecado à santidade também serve como um modelo eficaz para o carmelita cuja vida é de conversão contínua.

A Tradição Petrina e Paulina

Nunca é demais ressaltar o significado dos santos Pedro e Paulo na vida litúrgica da Igreja Cristã. O primado de São Pedro, aquele que foi encarregado de presidir a Igreja pelo próprio Senhor, sempre foi de grande significado litúrgico. A conversão de São Paulo, de um vigoroso perseguidor dos cristãos a um apóstolo entusiasmado, espalhando a mensagem cristã por muitos lugares do mundo antigo, foi provavelmente o evento mais importante na vida da Igreja primitiva. Os carmelitas, a exemplo do rito do Santo Sepulcro, celebravam as festas da Conversão de Paulo, da Cátedra de São Pedro, dos santos Pedro e Paulo e a Celebração de São Paulo. Além disso, nas festas carmelitanas Petrinas e Paulinas a ordem das partes, especialmente para o ofício, divergia consideravelmente de outras tradições e seguiam fielmente o rito do Santo Sepulcro.

A importância de festas em memória dos santos Pedro e Paulo na liturgia carmelitana servia de recordação das vidas heróicas daqueles dois importantes líderes, assim como o estabelecimento da Ordem na vida da Igreja. Quando se incorporaram nas estruturas da Igreja, os carmelitas floresceram como uma Ordem e a autoridade eclesiástica, sugerida pela festa da Cátedra de São Pedro, foi algo que eles acolheram com alegria. O exemplo corajoso e o zelo pelo Evangelho, exemplificados de formas diferentes por Pedro e Paulo, serviam de modelo para os carmelitas, especialmente quando eles adotaram a estrutura mendicante.

A devoção mariana

Desde o começo da Ordem os carmelitas dedicaram-se à Virgem Maria. A tradição diz que o oratório no Monte Carmelo foi dedicado em honra a Maria, e que a identificação dos carmelitas como “Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo” foi adotada já em 1252. Os carmelitas observaram as festas marianas comuns à toda a Igreja: a Purificação em 02 de fevereiro, a Anunciação em 25 de março, Nossa Senhora das Neves em 05 de agosto, a Assunção em 15 de agosto, a Natividade em 08 de setembro e a Conceção da Virgem em 08 de dezembro. O Capítulo Geral de Frankfurt em 1393 acrescentou duas novas festas: a Visitação em 02 de julho e a Apresentação de Maria em 21 de novembro.

As cinco antífonas para as primeiras Vésperas em todas as festas marianas são as mesmas na liturgia carmelitana e coincidem exatamente com suas correspondentes na liturgia do Santo Sepulcro. Até a música é a mesma em todas as ocasiões, de modo que eles foram muito cuidadosos em preservar intacto este aspecto de sua herança da Terra Santa. Esta associação das antífonas marianas preservou o elo entre os carmelitas espalhados por todo mundo e a observância original no Monte Carmelo, se é que os carmelitas realizaram conscientemente este feito. As antífonas são as seguintes:

Hec est regina virginum que genuit regem velud rosa decora virgo dei genitrix per quam

reperimus deum et hominem alma virgo intercede pro nobis omnibus.

Eis a rainha das virgem que gerou o rei; verdadeiramente uma bela rosa, a virgem mãe de Deus, através de quem nos aproximamos de Deus e do homem; ó virgem bela intercede por nós.

Te decus virgineum virgo dei genitrix maria te solem inter omnes virgines castissimam ex oramus ut pro salute nostra apud dominum intercedere digneris.

Tu és o esplendor das virgens ó virgem Maria, mãe de Deus; somente tu dentre todas as virgens sois a mais casta; assim, rezamos para que tu possas dignar-te a interceder por nossa salvação diante do Senhor.

Sub tuum presidium confugimus dei genitrix nostras deprecationes ne despicias in necessitatibus sed a periculis libera nos semper virgo benedicta.

Sob vosso trono nos reunimos ó mãe de Deus; não ignoreis nossas súplicas em tempos difíceis, mas livrai-nos sempre do mal ó bem-aventurada virgem.

Sancta Maria succurre miseris iuva pusillanimes refove flebiles ora pro populo interveni pro clero intercede pro devoto femino sexu.

Santa Maria socorrei os pobres, ajudai os fracos, consolai os tristes, rogai pelo povo, protegei o clero, interceda por todas as mulheres.

Beata Dei genitrix maria virgo perpetua templum domini sacrarium spiritus sancti tu sola sine exemplo placuisti domino ihesu christo ora pro populo interveni pro clero intercede pro devoto femino sexu.

Bem-aventurada mãe de Deus, Maria, sempre virgem, templo do Senhor, receptáculo do Espírito Santo, somente vós sem exemplo fostes agradável ao Senhor Jesus Cristo; orai pelo povo, intervenha pelo clero, interceda por todas as mulheres.

Todas estas antífonas têm como tema comum Maria como intercessora, o que era parte integral da devoção mariana carmelitana. Pela postura do suplicante, pequeno e humilde, que não quer nada mais além de ser agradável a Deus, o carmelita implora o favor da intercessão de Maria. Ela, como o receptáculo do sagrado (“templo do Senhor e receptáculo do Espírito Santo”), oferece a razão para venerá-la. A idéia de Maria como aquela que nos protege do perigo, predominante na terceira antífona, encoraja o carmelita a nela confiar. Isto é especialmente tocante quando consideramos que na Terra Santa a segurança na prática da fé não era dada como certa e que os últimos frades no Monte Carmelo foram mortos em 1291. O uso das mesmas partes para todas as festas marianas deu um senso de consistência e de unidade à devoção litúrgica carmelitana à Maria e manteve uma ligação permanente com a primeira experiência que eles tiveram no Monte Carmelo. A festa da Conceção da Virgem é importante para a liturgia carmelitana já que os carmelitas, junto com os franciscanos, fizeram uma ativa campanha para sua aceitação pela Igreja. Para os carmelitas a festa representava uma extensão de sua já forte devoção mariana. Os cantos

foram tirados da festa da Natividade de Maria em vez de serem composições novas, incluindo as antífonas padrões das primeiras Vésperas. Assim, eles foram capazes de acrescentar uma nova festa ao seu repertório, ajustada ao modelo de sua devoção mariana, sem interferir com suas obrigações para com a observância do Santo Sepulcro. A festa foi adotada na liturgia em 1306, pouco antes da promulgação da Rubrica de Siberta que, posteriormente, consagrou seu uso por todo o período medieval.

Nestas festas marianas, onde orações e cantos padrões foram adaptados para a festa individual, a ordem das partes dentro de cada festa dá a celebração seu caráter especial.

Deste modo, a liturgia carmelitana tinha uma ordem peculiar de cantos para cada festa, mas os cantos e as próprias orações eram tradicionais. A devoção carmelitana a Maria os impelia a adotar um grande número de festas marianas e a celebrá-las num estilo uniforme. A festa da Visitação incluía um ofício, parcialmente rimado, que era comum no ocidente e entrou na liturgia carmelitana no Capítulo de Frankfurt em 1393. A festa só havia sido promulgada no ocidente pelo papa Bonifácio IX, em sua bula *Superni benignitas conditoris* e desde o princípio era observada em 02 de julho. Depois que o dominicano Raymond de Capua escreveu o ofício rimado para a festa, os carmelitas seguiram o ofício apresentado pelo papa em sua bula. Os textos para a festa da Visitação derivam do relato de Lucas, incluindo partes do Magnificat adaptadas para o uso no ofício. Além do aspecto da devoção mariana, a festa da Visitação era particularmente importante para os carmelitas, já que ela celebra a visita de Maria a sua prima Isabel e a mútua alegria que elas tiveram pela ação de Deus em suas vidas. O(A) religioso(a) carmelitano(a) acolhe a ação de Deus em sua vida através da vida comunitária. Assim como Maria e Isabel ganharam novo discernimento sobre o mistério do plano de Deus em suas vidas através do diálogo, assim, também, o carmelita cresce na consciência da presença de Deus através da oração pessoal e da vivência comunitária.

A festa da Apresentação da Virgem foi introduzida no Ocidente pelo cruzado Philippe de Mezieres, chanceler do ducado de Chipre, que escreveu um ofício para ela. Este ofício foi primeiramente apresentado na igreja franciscana em Avignon em 21 de novembro de 1372, na presença da corte papal. Os carmelitas o aceitaram em sua liturgia em 1393. A festa é interessante, já que Philippe de Mezieres era um amigo pessoal do carmelita São Pedro Thomas e até escreveu a primeira biografia completa deste santo carmelitano. No entanto, apesar desta amizade, o ofício que Philippe compôs não era usado na liturgia carmelitana. Os textos para a festa, em vez de se referirem à apresentação de Maria no Templo, baseado no Evangelho apócrifo de Tiago, fazem uma reflexão sobre a experiência da apresentação com abundantes referências a Maria relacionadas ao Carmelo. Embora nenhuma referência no manuscrito indica que tenha sido um carmelita quem compôs os textos, eles são tão específicos que podemos quase certamente chegar a esta conclusão. A maior parte da música foi adaptada de outros ofícios, principalmente o de São Tomás de Cantuária.

Provavelmente por causa da popularidade do culto e da alta estima devotada a seu compositor, Bento de Peterborough. O grande número de festas marianas na liturgia carmelitana assegurava que a presença dela fosse invocada num esquema sistemático. A devoção popular da Missa da Bem-aventurada Virgem no sábado manteve presente, dentro de uma rotina semanal, tudo o que era celebrado nas muitas festas ao longo do ano.

Ao considerarmos o conjunto das festas marianas na liturgia carmelitana, percebemos que a veneração da santa mãe de Deus era uma parte integral da vida de fé e da experiência do culto que eles tinham. As várias festas simplesmente deram expressão contínua à profunda devoção que os carmelitas tinham por Maria e ao compromisso deles em viver como

discípulos de Jesus Cristo. Os carmelitas aceitaram todas as festas marianas regulares aprovadas pela Igreja e as tornaram suas. Eles viam Maria como uma intercessora diante de Deus, como o esplendor do Carmelo, a epitomia de virtude e aquela cuja santidade e fidelidade eles buscavam imitar em sua própria jornada humana.

Novos santos acrescentados à liturgia carmelitana

Os novos santos acrescentados à liturgia carmelitana durante o período medieval refletem seu vínculo com a Terra Santa, assim como sua adaptação à vida na sociedade ocidental.

Santa Ana

A festa de Santa Ana, mãe da Virgem Maria, foi um destes acréscimos posteriores à liturgia e é uma extensão lógica da devoção carmelitana à Maria. Os textos e a música são de um ofício rimado que não é próprio da liturgia carmelitana. A presença de Santa Ana na Terra Santa, assim como seu importante relacionamento com Maria e Jesus, serviram de justificação para que adotassem esta festa na liturgia. A festa se relaciona intimamente com a da Apresentação, já que Ana e Joaquim foram os pais que levaram Maria ao templo. Esta festa também está ligada a das Três Marias, que obviamente não seria possível sem sua contribuição. Como Santa Ana era uma parte integrante da vida de Maria, ela aparece como uma parte integrante da liturgia carmelitana.

Ana e seu esposo Joaquim representam para o carmelita os fiéis que confiaram em Deus e em quem Deus realiza grandes coisas. Apesar de sua idade avançada, Ana recebeu o privilégio de gerar a mãe do Redentor. Contudo, como uma anciã que pode conceber, ela é semelhante à prima de Maria, Isabel, assim como a Ana e a outras mulheres santas do Antigo Testamento. Para o carmelita, bem como para Santa Ana, a fidelidade silenciosa aos caminhos de Deus pode gerar muitos frutos espirituais.

As Três Marias

A festa das Três Marias, muito popular em Provença, entrou na liturgia carmelitana no Capítulo Geral de Lion em 1342. A festa das Três Marias está intimamente ligada à de Santa Ana, já que ela é tradicionalmente a mãe das três: da mãe de Jesus, por Joaquim e de uma segunda Maria, por Cléofas. Esta gerou outra Maria que, por sua vez, casou-se com Alfeu e gerou São Tiago Menor, São Simão, São Judas e São José, o Justo. Após a morte de Cléofas, Ana casou-se com Salomas e gerou uma terceira Maria, que foi mãe de São Tiago Maior e de São João Evangelista. Esta festa baseia-se na lenda onde Lázaro, Maria Madalena e seus companheiros foram deixados à deriva, num barco sem remos, que foi milagrosamente transportado para o sul da França, aportando perto da vila conhecida hoje como Saintes-Maries-de-la-Mer. De lá, a devoção às Três Marias espalhou-se rapidamente, assim como o culto a Santa Maria Madalena propagou-se a partir da abadia beneditina de Vézelay.

A festa não apenas trata dos personagens que viveram na Terra Santa, mas ela também diz respeito a um carmelita em especial, Jean de Venette, que escreveu esta Crônica das Três

Marias em 1357. Jean de Venette tornou-se prior do Carmelo de Paris em 1339 e, mais tarde, foi provincial da França. Como tal, esteve inegavelmente presente no Capítulo Geral de Lion que adotou a festa em 1342. Seu interesse pessoal é evidente nesta devoção e ele possivelmente influenciou os carmelitas a aceitarem tal festa em sua liturgia. A festa foi acrescentada ao complemento das festas marianas, celebrada em 25 de maio. Ela também demonstra a influência de uma devoção local numa área muito mais ampla: embora a festa das Três Maria estivesse restrita ao sul da França e a regiões da Itália, uma vez aceita na liturgia carmelitana ela gozou de observância universal dentro da Ordem.

A festa das Três Marias está relacionada ao evento da Páscoa, já que as mulheres santas descobriram o túmulo vazio do Senhor ressuscitado. Ela está intimamente ligada à festa de Santa Maria Madalena que as acompanhou ao túmulo e é muitas vezes confundida com estas Marias. Esta festa celebra aqueles que descobriram a ressurreição e ajudaram a anunciar aos outros o evento da Páscoa. Ela também enfatiza a devoção delas a Jesus cujo corpo elas foram ungir. Os carmelitas homenagearam as irmãs de Maria em sua liturgia como aquelas que seguem as pegadas do Senhor. A fidelidade à pessoa de Jesus determinou o curso de suas vidas e determina também a vida de cada carmelita.

Reflexões sobre a liturgia carmelitana

Os manuscritos medievais que examinamos geralmente são anteriores a 1450. Eles não preservam um ofício e uma Missa próprios nem para Elias nem para Eliseu, o que é surpreendente. Embora o ofício e a Missa para estes santos tenham sido estabelecidos antes do Concílio de Trento, se tal observância ocorreu ou não no período medieval permanece uma questão aberta. Evidentemente, se foi observado, nenhum texto uniforme ou música sobreviveu a este período.

A liturgia carmelitana medieval permaneceu intimamente ligada ao ritual do Santo Sepulcro, seguindo-o detalhadamente na maior parte do ano. O mistério Pascal, incluindo as festas da Celebração da Ressurreição, de Santa Maria Madalena e das Três Marias, permaneceu central na sua observância. Os cantos e as orações usadas para a liturgia formal foram claramente definidos pela Rubrica de Sibert de Beka, mas considerável liberdade foi permitida quando se tratou do detalhe musical. Os santos relacionados com a própria Terra Santa tiveram algum destaque na liturgia, tanto aqueles com celebrações relativamente pequenas como aqueles que gozavam de uma observância bem desenvolvida, como a festa dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó.

A devoção à Maria permaneceu destacada na observância litúrgica carmelitana medieval, caracterizando-o especialmente pelas antífonas das Vésperas nas quais o frade implorava pela intercessão da Virgem Maria. O número de festas marianas especiais era suficiente para assegurar uma devoção periódica a Maria, dentro de um esquema regular, enquanto as orações e as celebrações da Bem-aventurada Virgem asseguravam sua veneração durante a semana. Assim, o carmelita permanecia fiel a seu título de “irmão da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo” e modelava diretamente sua vida na vida da mãe de Deus.

A forte devoção aos santos Pedro e Paulo pode ter sido parte da incorporação dos carmelitas na tradição mendicante da Igreja ou pode vir de sua busca por um modelo diante da aprovação oficial de Elias e de Eliseu. No entanto, as festas principais destes dois santos proeminentes foram claramente celebradas com grande solenidade dentro da tradição carmelitana e os detalhes da observância dos carmelitas associou-os à tradição do Santo

Sepulcro em vez de a qualquer outra na Europa ocidental. A devoção carmelitana aos Santos Pedro e Paulo também caracterizou a lealdade que tinham pela Igreja. Este é um reconhecimento de que o papel distinto dos carmelitas como eremitas e mendicantes foi exercido dentro de um contexto da Igreja ao qual permaneceram comprometidos. Como modelos, Pedro e Paulo simbolizam as dimensões administrativas e carismáticas da Igreja, nas quais os carmelitas participam.

Os Carmelitas e o Concílio de Trento

O Concílio de Trento (1545-63) foi uma tentativa de estabilizar e de regulamentar a vida dos fiéis depois dos efeitos devastadores da Reforma Protestante. Tendo isto em mente, todos os textos litúrgicos questionáveis, até mesmo as festas, foram eliminados do calendário. Desse modo, a festa das Três Marias foi proibida aos carmelitas. Todas as festas, com seus textos litúrgicos, tiveram que receber aprovação individual da Santa Sé, antes de serem incluídas no ritual de uma Ordem religiosa ou de uma diocese. De forma semelhante, a música tinha que se ajustar às normas estabelecidas pela Santa Sé. Na época do Concílio de Trento, a Ordem Carmelita estava bem estabelecida e contava com um número de santos próprios em suas fileiras. Na reformulação da liturgia carmelitana, a herança que receberam da Terra Santa tornou-se cada vez mais remota, mas o ritual revisado permitiu que eles celebrassem liturgicamente seus confrades que alcançaram a santidade.

Novas festas carmelitanas

Eliseu e Elias

Por causa do relacionamento próximo entre Elias e Eliseu, as duas festas são consideradas como uma só. O relacionamento dos carmelitas com estas duas figuras proeminentes do Antigo Testamento já estava bem estabelecida espiritualmente, muito antes de ser celebrada liturgicamente. Uma afirmação, um tanto comovente, das Constituições do Capítulo de Londres de 1281, demonstra a importância de Elias e de Eliseu dentro da auto-compreensão carmelitana. Apresentamos a seguir uma tradução de Joachim Smet daquelas Constituições:

Declaramos, dando testemunho da verdade, que desde o tempo quando os profetas Elias e Eliseu habitavam devotamente no Monte Carmelo, Pais santos tanto do Antigo quanto do

Novo Testamento, cuja contemplação das coisas celestiais os conduziu à solidão do mesmo monte, eles sem dúvida guiaram suas louváveis vidas lá, junto à fonte de Elias, numa penitência sagrada, contínua e eficazmente mantida.

Foram estes mesmos sucessores que Alberto, o patriarca de Jerusalém no tempo de Inocêncio III, uniu numa comunidade, escrevendo uma regra para eles que o papa Honório, o sucessor do mesmo Inocêncio, e muitos de seus sucessores, aprovando esta ordem, confirmaram-na devotamente por seus decretos. Na profissão desta regra, nós, seus seguidores, servimos o Senhor em várias partes do mundo até hoje.

Esta afirmação demonstra que os carmelitas medievais viam a continuidade entre o povo do Antigo e o do Novo Testamento, os que habitavam à sombra da presença de Elias no Monte Carmelo, os primeiros eremitas reunidos pelo patriarca Alberto, e eles mesmos, em várias partes do mundo. O lugar do Monte Carmelo, a imagem do profeta Elias e a jurisdição de Alberto ajudaram a incutir nos carmelitas, ao longo dos séculos, a santidade de suas vidas e a importância de seu trabalho como religiosos. Além da identificação com a tradição de Elias, tanto Santo Antônio quanto São Jerônimo fazem uma associação explícita entre Elias e aqueles que seguem o modo de vida eremítico.

Apesar da importância de Elias e de Eliseu na auto-compreensão carmelitana, sua celebração litúrgica é um fenômeno posterior. Elias é claramente a mais proeminente das duas figuras, apresentado como um modelo potencial. O fato de Elias ter ido para o céu sem morrer, significava que como ele não tinha um dies natalis, ou data de morte, ele não poderia ser venerado como um santo. Assim, o carmelita John Bale escreveu um ofício para a Assunção de Elias. Este é certamente um ofício único, de um indivíduo empreendedor, em vez de uma festa carmelitana medieval padronizada. Posteriormente a festa foi aceita, apesar da ausência de uma data de morte ou dies natalis. A evidência mais antiga da festa de Elias é a Missa votiva dos missais do século XVI (1551 e 1574), contemporânea do Concílio de Trento. Embora a veneração de Eliseu não tenha envolvido os mesmos problemas, seu ofício e missa também são um fenômeno medieval tardio ou mesmo pós-tridentino. De qualquer modo, não temos nenhum indício substancial da veneração, tanto de Elias quanto de Eliseu, que tenha sobrevivido do período anterior ao Concílio de Trento.

A mais antiga evidência Tridentina da festa de Santo Elias é encontrada num suplemento carmelitano Florentino, com a antífona compilada por Fr. Archangelus Paulus, prior de Carmine, no ano de 1627, assim como em antigos manuscritos do século XVIII de São Martino ai Monti e de Santa Maria em Transpontina. Também nos manuscritos mais recentes que estão guardados no Colégio Sant'Alberto em Roma. Um processionário de 1593 do convento da Encarnação, em Ávila, contém vários cantos para Santo Elias onde ele é chamado tanto de nuestro Santísimo Padre Elias quanto de nuestro Glorioso Padre Elias. Apesar da veneração de Elias como santo ser bem conhecida nas liturgias do rito oriental, tal observância no ocidente é inteiramente peculiar aos carmelitas. As festas de Elias e de Eliseu deram aos carmelitas a oportunidade de recontar a história dos dois homens cujas vidas modelaram as suas. Como o próprio Monte Carmelo tornou-se cada vez mais distante da experiência de vida carmelitana, a celebração da festa das duas proeminentes figuras do Antigo Testamento permitia aos carmelitas refletir pessoalmente sobre sua herança e a moldar suas próprias vidas no exemplo corajoso de seus antepassados no Monte Carmelo. A celebração destas festas equiparava-se à celebração de uma liturgia para um fundador em outras tradições, já que permitia aos carmelitas explorar as raízes de sua espiritualidade de

uma forma litúrgica.

A primeira antífona das primeiras Vésperas para o ofício de Santo Elias é *Zelo zelatus sum pro domino deo exercituum*, [O zelo pelo Senhor, o Deus dos exércitos, me consome] de 1Reis 19,10 e repetido em 1Reis 19,14, palavras que são fundamentais na auto-compreensão de cada carmelita. O zelo por Deus caracteriza a vida e o ministério do profeta, assim como do carmelita, exercido sem compromissos. A primeira antífona para as Laudes, uma reconstrução do texto das Escrituras, afirma: *Elias dum zelat zelum legis receptus est in celum* [Elias, enquanto estava consumido pelo zelo, foi recebido no céu], insistindo no zelo por Deus que caracteriza a vida do profeta. Ele manteve este zelo por toda sua vida associando-o à sua assunção ao céu. A antífona do *Benedictus* cita a carta de Tiago que recorda Elias: *Elias homo erat similis nobis passibilis et oratione oravit ut non plueret super terram et non pluit annos tres et menses sex et rursum oravit et celum dedit pluvium et terra dedit fructum suum* [Elias era homem fraco como nós. No entanto, ele rezou bastante para que não chovesse e não choveu sobre a terra durante três anos e meio. Depois ele rezou de novo e o céu mandou chuva e a terra produziu seu fruto].

É importante enfatizar a semelhança entre Elias e todos aqueles que escolhem a vida de oração. A oração de Elias é poderosa. Deus a escuta e, assim, intensifica a força da oração de cada um dos carmelitas. O responsório das primeiras Vésperas lembra Elias caminhando “quarenta dias e quarenta noites para o Horeb, o monte de Deus” enfatizando a importância da jornada carmelitana pela vida, em direção ao monte sagrado, para experimentar a presença de Deus. Elias brigou com os profetas de Baal, devolveu a vida da viúva de Sarepta e rezou por chuva em meio à seca. Pela profundidade de sua oração, sua vida foi preservada no Monte Carmelo e, em seus últimos dias, ele foi aceito na vida eterna de Deus. A escolha de Elias como modelo de vida, na antiga liturgia medieval, se compara à ênfase na dimensão masculina da oração na regra. A falta de um fundador no início da Ordem a ser imitado, permitiu que os carmelitas escolhessem um, num estágio posterior de desenvolvimento. A escolha de Elias como modelo de oração sugere que a própria oração, se for seguida tanto por homens quanto por mulheres carmelitas, é uma ocupação ativa, vibrante e poderosa. Os carmelitas não precisam se preocupar com a eficácia da oração, já que o exemplo de Elias demonstra claramente seu poder e ligação direta entre a oração do pedinte e a ação de Deus. Como a própria palavra poderosa de Deus, a oração pode levar Deus a agir em favor de Seu povo. Portanto, os carmelitas estão seguros do significado, da força e do valor da vida de oração que abraçaram em sua vocação.

Nossa Senhora do Monte Carmelo

Ainda que possam ocorrer referências à festa da Solene Celebração de Nossa Senhora do Monte Carmelo nas fontes medievais, a liturgia tridentina deu plena expressão à sua celebração. Como se poderia esperar, as cinco primeiras antífonas das Vésperas características de todas as festas marianas medievais, também foram usadas aqui. Numa das leituras para as Matinas recorda-se a história de Maria aparecendo ao papa Honório, inspirando-o a permitir o estabelecimento da Ordem Carmelitana. Isto é muito significativo, já que as primeiras batalhas da Ordem visando sua aceitação passaram a ser claramente situadas dentro da estrutura da intercessão de Maria. Ela não é apenas celebrada como a padroeira da Ordem, mas é lembrada na sua intervenção direta possível a fundação da Ordem. Mediante esta festa os carmelitas veneram Maria como aquela que abençoa a

Ordem e os esforços individuais de seus membros. A festa dava plena expressão à união perpétua entre a Virgem Maria e a Ordem. O relacionamento dos carmelitas com ela era visto tanto na perspectiva da Ordem quanto individualmente, onde cada frade busca forças para viver a vida carmelitana contando com sua intercessão na oração.

São Simão Stock

Apesar da figura um tanto evasiva de São Simão Stock ter sido de grande importância na adaptação dos carmelitas à vida no Ocidente, sua festa surge apenas no tempo do Concílio de Trento. Neste caso, os textos para o ofício vêm de sua vida em vez da Escritura e a música se adapta à pauta imposta pelo Concílio de Trento. Os textos do ofício oferecem uma reflexão sobre a santidade de São Simão Stock como religioso e sobre seus dons para a Ordem. Assim, uma das antífonas das Matinas diz que *Desiderium cordis eius tribuit ei Dominus cum Carmelitarum institutum vidit in Europa propagatum alleluia* [Deus deu a ele o desejo de seu coração quando ele viu o instituto dos Carmelitas espalhado pela Europa] e realmente ele é geralmente associado com a adaptação da Ordem na sociedade ocidental. Os textos da Missa são tirados de cantos comuns tais como os *iusti meditabuntur sapientiam* [A boca do justo fala com sabedoria (Sl 37,30)] e o verso do Aleluia, *Justus germinabit sicut lilium* [O justo “florescerá como o lírio” (Os 14,6)]. Simão é o homem justo e o carmelita leal que serve de modelo de vida religiosa para todos que celebram sua festa. Liturgicamente a festa visava renovar nos participantes o zelo pelos caminhos do Carmelo.

Santa Teresa d’Ávila

A grande reformadora da Ordem Carmelita, Santa Teresa d’Ávila, morreu dentro da Ordem dos Carmelitas em Alba de Tormes, perto de Salamanca, em 1582. Os textos para sua liturgia referem-se a seu zelo por Deus e à sua sede pela sabedoria, enfatizando apropriadamente suas qualidades místicas e intelectuais. A antífona de abertura para seu ofício, *Zelo zelata sum pro honore sponsi mei Jesu Christi* [Com zelo sou dedicada à honra de meu esposo, Jesus Cristo] é um complemento feminino ao texto para o ofício de Santo Elias: “sou muito dedicado ao Senhor, o Deus dos exércitos”, indicando que, para os carmelitas, Teresa exemplificou o ideal de Elias na sua sede apaixonada por Deus. Outra antífona fala de seu coração sendo perfurado pela lança ardente do amor de Deus (que posteriormente levaria à uma festa separada, a da Transverberação ou perfuração do coração de Santa Teresa). Outra ainda se refere a ela recebendo sabedoria e prudência. Os textos litúrgicos enfocam os atributos significativos de Santa Teresa e constituem uma meditação sobre suas notáveis virtudes. Recitá-los é rever as qualidades essenciais de sua vida e ser renovado por elas. As virtudes que a liturgia recomenda foram vividas de modo extraordinário por Santa Teresa d’Ávila, e servem como um modelo de imitação por todo carmelita.

Santo Alberto da Sicília

O ofício de Santo Alberto da Sicília é um daqueles raros, onde todas as linhas do texto

rimam. Este é o único ofício rimado que sobreviveu intacto ao Concílio de Trento. Como o primeiro santo propriamente carmelitano, Alberto goza de preeminência na veneração litúrgica e o texto rimado para o ofício sugere a estima com que era considerado. A antífona de abertura *O Alberte norma munditie, puritatis et continentie* [Ó Alberto, modelo de integridade, de pureza e de continência] nos lembra que Alberto é o modelo de integridade de vida e sugere que, para o carmelita, a busca pela santidade deve predominar sobre tudo mais.

Santo Ângelo

Como o primeiro mártir carmelitano, Santo Ângelo corresponde ao Bem-aventurado Pedro, mártir para os dominicanos. O cerne da história de Ângelo ocorre na antífona do Magnificat: *Quinque plagis lethalibus transfossus Angelus crucifixum deprecabatur ut suis persecutoribus ad poenitentiam conversis veniam peccatorem concederet et diei obitu sui memoriam a gentibus optatam omnem gratiam largiretur alleluia* [Tendo sido ferido com cinco feridas mortais, Ângelo implorou pela cruz de modo que seus perseguidores pudessem receber a graça de ir do pecado à penitência e no dia de sua morte ele rezou para que a graça pudesse ser dada ao povo que celebrou sua memória, aleluia].

Santo André Corsini

Santo André Corsini, o carmelita florentino que se tornou bispo de Fiesole, gozou de forte veneração, especialmente em Florença. Mas sua festa foi observada liturgicamente por toda a Ordem. Tanto sua importância como bispo e nobre, assim como sua santidade pessoal contribuíram para que tivesse um ofício e uma Missa próprios, cujas evidências mais antigas ocorreram após o Concílio de Trento.

Reflexões sobre a liturgia carmelitana tridentina

O período após o Concílio de Trento foi para os carmelitas, como para a Igreja em geral, um tempo de adaptação para estabelecer as novas práticas diante da Reforma. Embora de algumas forma repressivo, o Concílio de Trento deu aos carmelitas a oportunidade de venerar seus próprios santos de um modo que não foi possível durante o período medieval. Apesar de os carmelitas continuarem a cultivar suas origens do Santo Sepulcro, agora eles também podiam venerar alguns carmelitas que foram aprovados pela Igreja como santos. Cada uma destas figuras ajudou a modelar o ideal carmelitano: Elias e Eliseu simbolizam a dimensão profética da Ordem, bem como a sede de Deus; Maria é mais do que nunca a padroeira e a protetora da Ordem; Santo Alberto é o modelo de pureza e de vida na presença de Deus; Santo André Corsini é o exemplo do carmelita agindo como um bom religioso e também participando da vida administrativa da Igreja; São Simão Stock representa a necessidade de manter a santidade da vida religiosa enquanto concilia as necessidades da Igreja e da sociedade; e Santa Teresa d'Ávila simboliza a contínua sede pelos caminhos de Deus, em especial a sabedoria.

A liturgia carmelitana fala mais e mais da espiritualização do Monte Carmelo. Hoje fala

menos da montanha física e mais do caminho da perfeição espiritual. O crescente número de santos carmelitanos próprios, cujas virtudes e fidelidade ao modo de vida carmelitano fez com que merecessem um lugar no Reino, serve agora como inspiração e exemplo ao carmelita que se empenha em viver sua própria vocação. Enquanto em outras tradições a forte presença de um fundador em especial foi sentida através dos séculos e que outros membros da Ordem alcançaram santidade por se adaptarem a um modelo em particular, na tradição carmelitana a ausência de um fundador permitiu uma grande flexibilidade na interpretação e na vivência do ideal carmelitano. A diversidade se reflete nos diversos santos do Carmelo no período tridentino e em sua tradição litúrgica de alguma forma bastante eclética.

A liturgia carmelitana moderna

A busca pelo culto perfeito interessa ao carmelita moderno tanto quanto interessou a nosso predecessor Elias no próprio Monte Carmelo. Os primeiros eremitas buscavam a presença de Deus no Monte Carmelo num empenho pessoal de santidade e de autêntica oração. Gradativamente foram se adaptando às regras e necessidades da Igreja visando alcançar a sua meta. O carmelita moderno, como o carmelita de toda época, partilha desta mesma luta. Que elementos favoreceriam uma autêntica celebração litúrgica carmelitana hoje? Se os primeiros carmelitas meditavam silenciosamente e continuamente em suas celas, o valor da contemplação e do silêncio precisa estar presente na liturgia e na vida de oração individual do carmelita. O local original do Monte Carmelo permitiu a reflexão silenciosa e a contemplação do céu aparentemente infinito sobre o Mediterrâneo daquele local que era o lar para os primeiros carmelitas. A descoberta da presença de Deus na natureza, apenas uma parte da experiência do próprio Monte Carmelo e exemplificada no encontro de Elias com Deus na brisa suave, também precisa encontrar um lugar dentro da expressão litúrgica carmelitana.

A experiência de Elias e de Eliseu no Monte Carmelo deu significado espiritual ao lugar para os carmelitas e incutiu neles a necessidade em dar um testemunho profético na sociedade. A sede absoluta pelas coisas de Deus, apenas uma parte da personalidade de Elias, também precisa encontrar expressão na liturgia carmelitana. Ela dá um senso de urgência à vida de oração e nos lembra que os valores da contemplação, de morar na presença de Deus e de confrontar a injustiça na sociedade não devem ser esquecidos. A devoção à Maria tem feito parte da liturgia carmelitana desde o princípio da Ordem. Para os carmelitas, Maria é a discípula fiel de Jesus, a zelosa ouvinte da voz de Deus e a serva obediente ao comando divino. O número de festas marianas que os carmelitas celebram mostra o entusiasmo que eles têm pelo culto à Virgem Maria, embora respeitando sempre os limites estabelecidos pela Igreja. Em fidelidade a esta tradição, a liturgia carmelitana moderna precisa ser criativa em sua abordagem mariana, tornando seu papel na vida da Igreja e do carmelita razoável e adequada ao nosso tempo.

O mais relevante é que os carmelitas sempre tiveram um respeito singular pelo poder da ressurreição na vida cristã e sua celebração na liturgia. Seu respeito pelos arautos da ressurreição, especialmente Santa Maria Madalena e as Três Marias, assim como sua

celebração da comemoração da ressurreição, enfatizam o poder do evento Pascal para todas as pessoas. A liturgia carmelitana, como celebração da ressurreição, deve ser sempre uma experiência geradora de vida, alegre, para todos que nela participam.

Em sua tradição litúrgica os carmelitas têm contribuído para a vida espiritual da Igreja através dos séculos. Ainda que sua vida litúrgica, como eremitas no Monte Carmelo, se diferenciassse radicalmente das práticas subseqüentes ao longo do período medieval posterior e tenha sofrido transformações após o Concílio de Trento, sua forma de culto sempre deu um testemunho consistente à visão que eles tinham do modelo aberto de sua vida como uma Ordem religiosa e como indivíduos orantes. Celebrando sua associação com o Ritual do Santo Sepulcro e comemorando os irmãos e irmãs que contribuíram significativamente para a vida espiritual da Igreja através dos séculos, os carmelitas entram em contato com a riqueza de seu carisma e com o significado de sua jornada espiritual. Esperamos que, partilhando esta tradição, os carmelitas possam continuar a contribuir significativamente para a vida espiritual da Igreja moderna e do mundo.

Bibliografia

- Adam, Adolf. 1985. *Foundations of Liturgy: An Introduction to Its History and Practice*. Collegeville, Minnesota.
- _____. 1981. *The Liturgical Year, its history and its meaning after the reform of the liturgy*. Traduzido por Matthew J. O'Connell. New York.
- Arens, Fritz. 1958-60. "Ein Blatt aus den Mainzer Karmeliter-chorbüchern." *Jahrbuch für das Bistum Mainz* 8:341-345.
- Baciero, Antonio. 1982. *El Organo de Camara del Convento de la Encarnación de Avila (Consejo General de Castilla y Leon)*.
- Baldi, D. "Jerusalem." *New Catholic Encyclopedia*. 7:875-889.
- Bonniwell, W. R. 1945. *A History of the Dominican Liturgy, 1215-1945*. New York.
- Bouman, Cornelius A. 1958. "The Immaculate Conception in the Liturgy." *The Dogma of the Immaculate Conception*. Ed. Edward Dennis O'Connor, C.S.C. Notre Dame, Indiana. Pp. 113-59.
- Boyce, James, O.Carm. 1984. *Cantica Carmelitana: The Chants of the Carmelite Office*. 2 Vols. New York: New York University. Boyce James, O. Carm. 1986.
- _____. 1987. "Die Mainzer Karmeliterchorbücher und die liturgische Tradition des Karmeliterordens." *Archiv für mittelhheinische Kirchengeschichte* 39:267-303.
- _____. 1988a. "The Carmelite Choirbooks of Florence and the Liturgical Tradition of the Carmelite Order." *Carmelus* 35:67-93.
- _____. 1988b. "The Office of Saint Mary of Salome." *Journal of the Plainsong and Mediaeval Music Society*. 11:25-47.
- _____. 1989. "The Office of the Three Marys in the Carmelite Liturgy." *Journal of the Plainsong and Mediaeval Music Society*. 12:1-38.
- _____. 1990a. "The Medieval Carmelite Office Tradition." *Acta Musicologica*. 62:119-151.
- _____. 1990b. "Two Antiphonals of Pisa: Their Place in the Carmelite Liturgy." *Manuscripta*. 34:147-165.
- _____. 1991. "The Office of the Presentation of Mary in the Carmelite Liturgy." *The Land of Carmel, Essays in Honor of Joachim Smet, O. Carm.* Rome. 231-247.
- _____. 1993. "Das Offizium der Darstellung Mariens von Philippe de Mezieres. Die Handschriften und der Überlieferungsprozess." *Kirchenmusikalisches Jahrbuch*. 77:17-38.

- Boyle, Leonard E., O.P. 1972. *A Survey of the Vatican Archives and of its Medieval Holdings*. Toronto.
- Brockett, Jr. Clyde Waring. 1968. *Antiphons, Responsories and other Chants of the Mozarabic Rite*. Brooklyn, New York.
- Buchtal, Hugo. 1957. *Miniature Painting in the Latin Kingdom of Jerusalem*. Oxford.
- Caruana, Edmund A., O.Carm. 1984. "The Influence of the Roman Rite on the Carmelite Breviary after the Council of Trent." *Carmelus* 31:65-131.
- Cattin, Dom Giulio. 1984. *Music of the Middle Ages I*. Cambridge.
- Chiarelli, M. 1968. *I codici miniati del Museo di S. Marco a Firenze*. Firenze.
- Cicconetti, Carlo, O.Carm. 1973. *La Regola del Carmelo*. Roma.
- Clarke, Hugh, O.Carm. e Edwards, Bede, O.D.C. 1973. *The Rule of Saint Albert*. Aylesford and Kensington.
- Coleman, William L., ed. 1981. *Philippe de Mézières' Campaign for the Feast of Mary's Presentation*. Toronto.
- Combe, P. "Solesmes, Music of." *New Catholic Encyclopedia*. 13:418-419.
- Conciliorum Oecumenicorum Decreta. 1962. Ed. Centro di Documentazione. Istituto per le Scienze Religiose. Bologna.
- Couâsnon, Charles, O. P. 1974. *The Church of the Holy Sepulchre in Jerusalem*. Trad. J. -P. B. e Claude Ross. *The Schweich Lectures of the British Academy*, 1972. London.
- Coville, Alfred. 1949. "Jean de Venette, auteur de l'Histoire des Trois Maries." *Histoire Littéraire de la France*, 38:355-404.
- Delalande, Fr. Dominique, O.P. 1949. *Vers la version authentique du gradual grégorien: Le Graduel des Prêcheurs*. Bibliothèque d'histoire dominicaine 2. Paris.
- Delisle, Léopold Victor. 1974. *Inventaire des manuscrits latins conservés à la Bibliothèque Nationale sous les numéros 8823-18613*. New York.
- Denifle, Heinrich. 1889. "Quellen zur Gelehrten-geschichte des Carmelitenordens im 13. und 14. Jahrhundert." *Archiv für Literatur- und Kirchengeschichte des Mittelalters*. 5:365-84.
- Driscoll, Rev. Michael Terence, O.Carm. 1973. "L'histoire des Trois Maries': An Edition with Introduction." M.A. thesis. Catholic University of America.
- _____. 1975. "L'histoire des Trois Maries' by Jean de Venette, O.Carm." *Caheirs de Joséphologie*. 23:231-254.
- Edwards, Owain Tudor. 1990. *Matins, Lauds and Vespers for Saint David's Day*. Cambridge.
- _____. 1992. "Chant Transference in Rhymed Offices." *Cantus Planus: Papers Read at the Fourth Meeting, Pecs, Hungary, 3-8 September 1990*. Edited by Laszlo Dobszay, Agnes Papp e Ferenc Sebo. Budapest. 503-519.
- Egan, Keith, J., O.Carm. 1969. "Medieval Carmelite Houses, England and Wales." *Carmelus*. 16:142-226.
- _____. 1972. "An Essay toward a Historiography of the Origins of the Carmelite Province in England." *Carmelus*. 19:67-100.
- Epstein, Marcy. 1978. "Ludovicus Decus Regnantium: Perspectives on the Rhymed Office." *Speculum* 53:283-334.
- Felder, Fr. Hilarius. 1901. *Die liturgischen Reimoffizien auf dem hl. Franciscus und Antonius, gedichtet und komponiert von F. Julian von Speier*. Freiburg (Switzerland).
- Forcadell, P. Augustino M., Ord. Carm. 1950. "Ritus Carmelitarum Antiquae

- Observantiae." Bibliotheca Carmelitana. 2. (Extractum ex Ephemerides Liturgicae). 1-52.
- Forcadell, Augustine M., O. Carm. 1954. "The Feast of the Immaculate Conception in the Carmelite Liturgy." *The Sword*. 17: 184-193.
- Friedman, Fr. Elias, O.C.D. 1979. *The Latin Hermits of Mount Carmel, A study in Carmelite origins*. Rome.
- González y González, Dr. Nicolás. 1976-1977. *El Monasterio de la Encarnación de Avila*. Tomo I. Siglos XV-XVI. Tomo II. Siglos XVII-XX. Avila.
- Guyot, G. H. "Transfiguration." *New Catholic Encyclopedia*. 14:243-244.
- Hamilton, M. J. "Benedict of Peterborough." *New Catholic Encyclopedia*. 2:283.
- Harper, John. 1991. *The Forms and Orders of Western Liturgy from the Tenth to the Eighteenth Century*. Oxford.
- Haskins, Susan. 1993. *Mary Magdalen, Myth and Metaphor*. New York.
- Hayburn, Robert F. 1979. *Papal Legislation on Sacred Music, 95 A.D. to 1977 A.D.* Collegeville, Minnesota.
- Hayes, Sister Mary Paula, O.C.D. 1984. *Carmen Laudis. Hymns for Carmelite Feasts*. Long Beach, California.
- Horvarth, P. "Thabor (Tabor), Mount." *New Catholic Encyclopedia*. 14:1.
- Jedin, H. "Trent, Council of." *New Catholic Encyclopedia*. 14:271-278.
- Jones, Cheslyn, Wainwright, Geoffrey and Yarnold, Edward, S. J. 1978. *The Study of Liturgy*. New York.
- Jorga, Nicolas. 1896. *Philippe de Mézières 1327-1405 et la croisade au XIVe siècle*. Paris.
- Jungmann, Rev. Joseph A., S. J. 1959. *The Mass of the Roman Rite, Its Origins and Development (Missarum Sollemnia)*. Traduzido por Rev. Francis A. Brunner, C.S.S.R. Revised by Charles K. Riepe. Westminster, Md.
- Kallenberg, Paschalis, O.Carm. 1962. *Fontes Liturgiae Carmelitanae, Investigatio in Decreta, Codices et Proprium Sanctorum*. Rome.
- _____. 1956. "Le culte liturgique d'Elie dans l'ordre du Carmel." *Elie le prophète*. II. *Etudes Carmelitaines* 35:134-150.
- Kishpaugh, Sr. Mary Jerome, O.P. 1941. *The Feast of the Presentation of the Virgin Mary in the Temple: A Historical and Literary Study*. Washington, D.C..
- Laurent, M.-H., O.P. (ed.) 1948. "La lettre 'Quae honorem Conditoris' (1er octobre, 1247): Note de diplomatique pontificale." *Ephemerides Carmeliticae*. 2.
- Lechner, R. F. "Mozarabic Rite." *New Catholic Encyclopedia*. 10:58-60.
- Leclercq, Dom Jean. 1946. *Pierre le Vénérable*. Abbaye S. Wandrille.
- Lekai, L.J., S. O.Cist. 1953. *The White Monks: A History of the Cistercian Order*. Okauchee, Wisc.
- Madigan, Shawn. 1988. *Spirituality Rooted in Liturgy*. Washington, D.C..
- Marosszéki, S. 1952. "Les Origines du chant cistercien." *Analecta Cistenciensia*. 8:1-179.
- _____. "Crown of Thorns." *New Catholic Encyclopedia*. 4:483-484.
- Molitor, Raphael, O.S.B. 1901. *Die Nach-Tridentinische Choral- Reform zu Rom*. 2 Vols. Leipzig.
- Perdrizet, Paul. 1933. *Le calendrier parisien à la fin du moyen âge d'après le bréviaire et les livres d'heures*. Paris.
- Pfaff, R. W. 1970. *New Liturgical Feasts in Later Medieval England*. Oxford.
- Quasten, J. "Gallican Rites." *New Catholic Encyclopedia*. 6:258-262.
- Richard, J. "Jerusalem, Kingdom of." *New Catholic Encyclopedia*. 7:890.
- Rickert, Margaret. 1935. "The Reconstruction of an English Carmelite Missal." *The*

Burlington Magazine. 67:99-113.

_____. 1952. *The Reconstructed Carmelite Missal. An English Manuscript of the late XIV Century in the British Museum (Additional 29704-5, 44892).* London.

Runciman, Steven. 1951-54. *A History of the Crusades.* 3 Vols. New York.

Rushe, Patrick de Saint-Joseph. 1912-13. "Antiquum Ordinis Carmelitarum Ordinale, Saec. XIII." *Etudes Carmelitaines.* 2:5-251.

Sabatini, Andrea, O.Carm. 1983. "Miniaturisti e Scrittori Carmelitani della Toscana, sec. XIV-XVII." *Carmelus* 30:58-91.

Saggi, Ludovicus M., O.Carm. 1953. "Constitutiones capituli Burdigalensis anni 1294." *Analecta Ordinis Carmelitarum.* 18:123-85.

_____. 1950. "Constitutiones Capituli Londinensis Anni 1281." *Analecta Ordinis Carmelitarum.* 15:203-45.

Saxer, Victor. 1975. *Le dossier vézelien de Marie Madaleine, Invention et translation des reliques en 1265-67. Contribution à l'histoire du culte de la sainte à Vézelay à l'apogée du moyen âge.* *Subsidia Hagiographica.* 57. Bruxelles.

Smet, Joachim, O.Carm. "Carmelites." *New Catholic Encyclopedia.* 3:118-121.

_____. 1975. *The Carmelites. A History of the Brothers of Our Lady of Mount Carmel.* Vol. I. Rome.

_____. *The Carmelites. A History of the Brothers of Our Lady of Mount Carmel.* Vol. I. Revised Edition. Darien, Illinois.

_____. *The Life of Saint Peter Thomas* by Philippe de Mézières. Rome.

Talley, Thomas J. 1986. *The Origins of the Liturgical Year.* New York.

The Holy Rule of our Most Holy Father Saint Benedict. 1975. Edited by the Benedictine Monks of Saint Meinrad Archabbey. Saint Meinrad, Indiana.

The New American Bible. 1970. New York.

Vaassen, Elgin Van Treeck. 1973. "Die Werkstatt den Mainzer Riesenbibel in Würzburg." *Archiv für Geschichte des Buchwesens.* 13:cols. 1121-1428.

Van Dijk, S. J. P. e Walker, J. Hazelden. 1960. *The Origins of the Modern Roman Liturgy. The Liturgy of the Papal Court and the Franciscan Order in the Thirteenth Century.* Westminster. Md.

Vogel, Cyrille. 1986. *Medieval Liturgy: An Introduction to the Sources.* Revisada e Traduzida por William G. Storey e Niels Krogh Rasmussen, O.P. Washington, D.C..

Wagner, Peter. 1986. *Introduction to the Gregorian Melodies. A Handbook of Plainsong.* 2ª Edição. Parte 1. Origin and development of the forms of the Liturgical Chant up to the end of the Middle Ages. Traduzido por Agnes Orme e E.G.P. Wyatt. New York.

Weakland, R. G. "Milanese Rite, Chants of." *New Catholic Encyclopedia.* 9:842-843.

Wegman, Herman A.J. 1985. *Christian Worship in East and West. A Study Guide to Liturgical History.* Traduzido por Gordon W. Lathrop. New York.

Wessels, Gabriel, ed. 1912. *Acta capitulorum generalium ordinis fratrum B.V. Mariae de Monte Carmelo.* Vol. 1. Ab anno 1318 usque ad annum 1593, cum notis B. Zimmerman, auctoritate P. M. Mayer, edidit Gabriel Wessels. Rome.

Wortman, I. "Gallican Rites, Chants of." *New Catholic Encyclopedia.* 6:262.

_____. "Mozarabic Rite, Chants of." *New Catholic Encyclopedia.* 10:60.

Xiberta, Bartholomaeo Maria, O.Carm. 1931. "De scriptoribus scholasticis saeculi XIV ex ordine Carmelitarum." *Bibliothèque de la Revue d'histoire ecclésiastique.* Fasc. 6. Louvain.

Zimmerman, R. P. Benedictus, O.C.D. 1907. *Monumenta Historica Carmelitana.* Vol.

I. Lirinae.

Zimmerman, Benedict. 1910. Ordinaire de l'Ordre de Notre-Dame du Mont Carmel par Sibert de Beka (vers 1312) publié d'après le manuscrit original et collationné sur divers manuscrits et imprimés. Paris.